



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER  
NORMAL SUPERIOR**

**MARISA OLIVEIRA AMORIM**

**O BRINCAR, OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Rio de Janeiro  
2020

**MARISA OLIVEIRA AMORIM**

**O BRINCAR, OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Professora Heloisa Protásio

Rio de Janeiro

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Am68b Amorim, Marisa Oliveira

O brincar, os brinquedos e as brincadeiras na educação infantil / Marisa Oliveira Amorim.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2020.–  
39 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2020. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador Professora Professora Heloisa Protasio

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Brincar. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

**MARISA OLIVEIRA AMORIM**

**O BRINCAR, OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil. Aprovado em dezembro de 2020.

---

PROFESSOR ORIENTADOR

---

PROFESSOR LEITOR

---

PROFESSOR LEITOR

Rio de Janeiro

2020

## LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 2020

**MARISA OLIVEIRA AMORIM**

Dedico essa monografia a Deus, em primeiro lugar. Toda essa trajetória até aqui me manteve firme e não me deixou desistir; por muitas vezes, pensei que jamais terminaria, pois não foi nada fácil.

Agradeço e dedico especialmente a minha irmã, Renata, e meus filhos, Caroline e Pedro Henrique, que estiveram ao meu lado, ajudando-me neste momento muito difícil. Meu muito obrigada!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço minha monografia a essas pessoas, que marcaram a minha formação: Helenice, diretora da creche Municipal Vidigal, minha tia Hilda, que me ajudou na criação dos meus filhos, minhas irmãs, irmãos e minha cunhada, que sempre me incentivaram com palavras e apoio moral. Não é muito fácil conciliar estudo, trabalho e família, principalmente, quando se é mãe e pai ao mesmo tempo. Agradeço ao meu companheiro, Gilberto, que sempre me deu força nesses momentos, com objetos representativos para meu estudo e se fez compreensivo durante minha ausência na sua vida.

Agradeço ainda aos professores do Pró-Saber, pelo que eu aprendi e levo para minha vida; à minha orientadora, Heloisa Protásio, que me apoiou no momento em que eu estava com dificuldades para mergulhar na escrita da monografia.

## **RESUMO**

Essa monografia mostra meu processo de aprendizagem vivido durante os três anos de estudo no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), fiz um mergulho em minha história como aluna, todo conhecimento foi embasado na metodologia de Madalena Freire, que valoriza o ser humano em seu pensar. Diante da concepção democrática de ensino, venho valorizar o brincar na educação infantil e o olhar observador do educando que é importante no desenvolvimento das crianças.

**Palavras-Chave:** Brincadeiras. Brinquedos. Educação Infantil.

Há brinquedos que são desafios ao corpo, à sua força, habilidade, paciência...  
E há brinquedos que são desafios à inteligência. A inteligência gosta de brincar. Brincando ela salta e fica mais inteligente ainda. Brinquedo é tônico para a inteligência. Mas se ela tem de fazer coisas que não são desafios, ela fica preguiçosa e emburrecida. (ALVES, 2004, p.40).

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1 Mergulho em minhas memórias</b>	<b>13</b>
<b>2 Aprendizado e conhecimento das disciplina</b>	<b>19</b>
<b>3 Um mundo novo se descortina</b>	<b>29</b>
<b>4 Considerações finais</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

“Somos movidos pelo desejo de crescer, de aprender e nós educadores também de ensinar. Somos sujeitos porque desejamos. Somos sujeitos porque criamos, imaginamos e sonhamos...” (FREIRE, M., 2008, p. 24).

O desejo de aprender é uma virtude que cada ser humano carrega dentro de si. A vontade de realizar pode demorar anos, mas nunca se apaga. Quando a luz do desejo acende, saímos em busca e movemos céus e terras para concretizar nosso sonho. Assim eu fiz e, depois de anos, meu sonho está sendo realizado.

Aos meus dezessete anos, decidi ser professora. Muitas coisas aconteceram e esse sonho ficou guardado em meu coração. Depois de muitos anos, voltei a sonhar e fui em busca do que realmente queria. Em 2007, consegui uma oportunidade para trabalhar na educação e, no mesmo ano, voltei a estudar, dando continuidade ao meu Ensino Médio. Sentindo falta de mais conhecimento para atuar na educação infantil, procurei cursos que me ajudassem e foi assim que conheci o Pró-Saber, onde realizei tudo que desejava para minha prática.

É uma graduação que tem como objetivo levar conhecimentos para aqueles que já atuam na educação infantil e precisam aprender teorias para lidar com a prática. Abordamos, como principal questão, a valorização da pessoa humana. Cada ser humano é único e o educador precisa valorizar sua história para poder valorizar as histórias de seus alunos.

As disciplinas, que foram abordadas durante esses três anos, trouxeram aprendizados e conhecimentos relevantes para atuar em minha prática. Cada uma com sua singularidade, mas todas importantes e trouxeram conhecimentos significativos. As buscas feitas em meus materiais e em minhas memórias das disciplinas, que marcaram meu aprendizado, tanto individualmente como no coletivo, me ajudaram nesse processo e possibilitaram compreender melhor minha trajetória.

Meu tema surgiu a partir da disciplina “O Brincar e sua Importância na Educação Infantil”. Na monografia, ampliei meu olhar para esse conteúdo, que ajuda a criança a desenvolver seu aprendizado, aumentando seu conhecimento. A brincadeira faz a criança ter autonomia e expressar tudo que sente e pensa.

O professor tem o papel de mediar essa tarefa, comprometendo-se com o ensinar de seus alunos, buscando intervir no caminhar de cada criança.

## 1 MERGULHO EM MINHAS MEMÓRIAS

“Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor” (BOSI, 1983, p. 17).

Nasci numa família muito humilde. Minha mãe teve um casal de filhos de um primeiro relacionamento. Quando conheceu meu pai, teve duas filhas e ele não reconheceu a paternidade. Só quando meu irmão, Maxwell, nasceu, fomos reconhecidas por ele. Quando completei 6 anos, época de ir para a escola, não podia ser matriculada, pois não tinha certidão de nascimento, não fazia parte da sociedade. Foi preciso muita conversa, empenho de minha mãe e da madrinha de minha irmã, que sempre esteve presente em nossas vidas, para conseguirem convencer meu pai. E ele finalmente me registrou.

Minha irmã Bárbara brincava de escola com as irmãs mais novas, assim aprendi a ler e a escrever. Usava a cartilha, contava histórias dos Três Porquinhos e da Chapeuzinho Vermelho e fazia muitas brincadeiras. O primeiro dia na escola foi o melhor dia da minha infância. Como eu já sabia ler, fui direto para o segundo ano. Sou canhota e tinha dificuldades com a letra exigida; foi preciso muito exercício de caligrafia. Minha mãe não tinha paciência e me mandava fazer as tarefas com a minha irmã Bárbara, que mais tarde tornou-se professora. Uma influência positiva na minha escolha pelo magistério.

Passei por vários colégios, mas o que mais me marcou foi o Colégio José de Alencar. Estudei toda minha infância e adolescência, onde fiz muitas amizades e tenho contatos até hoje; tive ótimos professores, que marcaram o meu aprendizado. Nessa época, a professora Guaraciaba, que muito me marcou com seu acolhimento, ajudou-me nas dificuldades escolares, principalmente, em matemática. Nessa fase decidi que seria professora.

Terminei o ginásio com 17 anos e fiquei muito feliz por ganhar uma bolsa de estudos para fazer o Magistério, no Colégio Geremário Dantas. Tive que interromper, pois precisei trabalhar para me sustentar e ajudar em casa, Meus pais estavam se separando. E assim, meu sonho ficou distante.

Trabalhei no comércio, casei-me, tive dois filhos: Pedro Henrique e Caroline. Eles ainda eram pequenos, quando meu marido morreu e eu tive que aumentar a renda. Fiz curso de manicure e depiladora; fui trabalhar num salão de beleza e nunca deixei faltar nada para meus filhos. A educação foi sempre prioridade. Quando eles cresceram, resolvi realizar meu sonho de ser professora.

Procurei trabalho em creches, mas foi difícil conseguir. Até que minha tia, que trabalhava como merendeira na Creche Municipal do Vidigal, conseguiu com a diretora uma oportunidade para mim. Comecei trabalhando na limpeza. Seis meses depois, surgiu uma vaga para recreador e fui convidada pela Diretora para assumir. Foi meu início na Educação, no ano de 2007.

Comecei assustada, sem saber o que fazer. Tive ajuda de colegas. Dediquei-me muito. Dei o meu melhor. Fazia várias atividades com as crianças como: desenhos, pinturas, histórias, músicas, etc. As atividades que eu mais gostava de fazer com as crianças eram as brincadeiras de roda, corda e bola. A partir daí, fui me envolvendo cada vez mais. Aos poucos, fui sendo reconhecida pelo meu trabalho. Mas ainda me sentia insegura, sabia que precisava de mais conhecimento.

Em 2007, comecei a cursar o Ensino Médio, pois, para trabalhar como recreador, precisava da formação de nível médio. Terminei em 2009, mas sabia que não era suficiente. Procurei cursos sobre educação infantil e, um belo dia, na reunião da creche, a diretora Helenice informou que estava aberta a inscrição para o vestibular Pró-Saber. Para minha surpresa, era gratuito e só podia fazer a graduação quem trabalhava em creches municipais e conveniadas.

Fiquei muito animada. Pensei: chegou a minha oportunidade, vou realizar meu sonho. Ao pesquisar sobre a instituição, logo me identifiquei com ela, e pensei: é aqui que vou fazer minha graduação, pois tem tudo a ver. Já vivia a prática, faltava a teoria e o conhecimento sobre a Educação Infantil. Então, foi quando eu fiz o meu primeiro vestibular. Não tive sucesso, não consegui a tão esperada vaga.

Busquei outros cursos, conheci o Cewin, fiz formação de professores. Achei o curso muito corrido, aprendi algumas coisas boas, foi válido, mas sempre sentia que faltava algo mais. Foi então que houve o concurso para Auxiliar de Creche. Tive uma boa nota, mas como não tinha pontuação de título, não fui

classificada. Faltou pouco para entrar.

Fiquei desempregada por algum tempo, até que consegui trabalhar na Creche Santa Ignez. Fiquei lá durante 3 anos, quando surgiu uma vaga para trabalhar no Colégio Stella Maris. Eu preferi, porque era perto de casa e a carga horária era menor. Comecei no Stella Maris em 2014, onde conheci mais a fundo o Pró-Saber com as professoras e a diretora, que fizeram o curso de graduação e pós-graduação lá. Em 2015, veio outro vestibular; eu fiz de novo, mas não consegui. Fiquei muito triste e fui tentar faculdade de pedagogia. Prestei vestibular na faculdade Estácio de Sá, passei e comecei a cursar. Fiz até o sexto período, mas não pude continuar, pois ficou muito pesado financeiramente. Tive que trancar minha matrícula.

Em 2017, tentei novamente o vestibular do Pró-Saber. Na ocasião, disse para mim mesma que seria o último. Para minha surpresa e alegria, passei. Foi uns dos melhores dias da minha vida. Enfrentei um desafio grande. O segundo desafio foi depois da prova, passar na entrevista. Fiquei muito nervosa, mas consegui vencer também esta etapa. A partir desse dia, tudo começou a mudar.

Em 2018, quando iniciei o meu primeiro dia no Pró-Saber, não me contive de tanta felicidade, mas estava muito ansiosa. Não conhecia ninguém e encarar rostos desconhecidos e lutar para ser aceita no grupo era um grande desafio. Deparei-me com uma bela recepção; nunca fui tão bem acolhida. E daí por diante, foram várias noites de muitas surpresas.

Ao falar da minha trajetória no Pró-saber, vem um turbilhão de pensamentos e sentimentos, que parecem que vão explodir de tanta emoção. A cada aula, há uma construção de conhecimento. A cada noite, um crescimento em minha prática. Hoje sou outra profissional, outra pessoa.

No início, foi dureza, mas aos poucos consegui me entrosar no grupo. Lidar com o novo não é fácil e como diz Madalena Freire: "Aprender dói". Foi muita dor entender tudo que estava acontecendo e o que vinha pela frente, começando pelas sínteses e os pontos de observação.

Custei para entender e acertar e hoje, quando pesquiso minhas escritas, vejo o quanto evoluí. E não só nas escritas como também em saber me posicionar nas reuniões de trabalho e entender sobre os planejamentos. Fico pensando o quanto é importante buscar compreender nosso campo de trabalho

para poder ter voz e vez. Dentro de sala, saber falar com nossos alunos é importante. O que mais me flechou, foram os pontos de observações e a concepção democrática de ensino. Paulo Freire (1996) diz que "ensinar exige reflexão crítica sobre a prática."

Os instrumentos propostos pela metodologia são: observação, registro reflexivo, avaliação e planejamento. Os instrumentos metodológicos me ajudaram a compreender e a perceber a importância da metodologia de Madalena Freire. Aos poucos, fui me apropriando e hoje posso dizer que foram facilitadores de minha aprendizagem, na qual educador e educando pensam, refletem para a construção do saber. Estudar a metodologia e sua relação com a concepção de educação democrática nos faz vivenciar os instrumentos. Nessa concepção, o ato de refletir é alvo mais importante, onde cada educador tem a sua marca, o seu modo de pensar e registrar. Só conseguimos olhar o outro, se tivermos abertura de aprender a observar a nossa própria história e só assim vamos escutar e observar o outro para conhecê-lo melhor.

Essa reflexão não pode ser aleatória, ela tem que partir de um desejo, de nossas preferências e histórias. O educador precisa valorizar a sua história, pois é assim que ele vai conseguir valorizar as histórias de seus alunos. Estando presente nas aulas é que desenvolvemos um olhar completo para nossos aprendizados, focando no que é mais importante. É preciso estar em constante escuta para tornar o aprendizado dos alunos menos dolorido e criar vínculos positivos. Não vamos conseguir chegar ao nosso objetivo se os tratarmos com indiferença.

É preciso desejar e ver a posição que nos encontramos como profissionais de educação; é preciso romper com o velho, que me fez viver no autoritarismo e viver a concepção democrática, onde tenho liberdade dentro de sala e sou autora de minha aula. Eu e meus alunos trocamos aprendizados, onde o aprender é dar significados, é mudança e transformação.

A concepção de educação, que aprendi no Pró-Saber, valoriza o ser humano, dá voz ao sujeito que é autor de sua história e fez muita ressonância em mim. Nela encontrei minha liberdade, entendi que é necessário construirmos autonomia para que possamos ser indivíduos autores, que pensam e refletem. Antes, eu era muito insegura, não expressava minha opinião e no grupo fazia o papel de silenciosa. Mas, aos poucos, fui observando tudo que acontecia nas

aulas, começando pela nossa história de vida. A ação reflexiva nos leva à transformação. Aprendi e vivenciei três movimentos que me transformaram: a imitação, pois somos o expectador da aula; depois que passamos a entender, começamos a representar o que já sabemos e por fim, depois que damos conta do que já sabemos, passamos a ser o autor do nosso aprendizado e a assim não precisamos mais imitar, o que vamos precisar é de inspiração.

O ensinar e o aprender se baseia em uma troca de conhecimentos prazerosa, que nos faz buscar sempre mais. Sentimos desejo de aprender e esse desejo nos motiva a querer algo mais. O educador tem que ser luz do conhecimento. Deve saber ouvir, observar e deixar marcas positivas, aprender a ouvir a criança que habita dentro de si, para melhor compreender a criança. Temos que fazer escolhas, pois nada cai do céu; é preciso optar pela vida e desejar a vida. É importante nos desafiar e nos comprometer em querer aprender.

Os instrumentos metodológicos: observação, registro reflexivo, avaliação e planejamento me levaram a compreender a metodologia de Madalena Freire. Fui compreendendo e hoje posso dizer que foram facilitadores de minha aprendizagem e o quanto é importante o educador e educando ter um olhar observador.

Os pontos de observação são provocações lançadas no início da aula onde o pensar e o observar se fazem presentes. São três pontos, um com foco na aprendizagem, outro no grupo e outro na coordenação, lançados pelo professor que escolhe um aluno para ser responsável por colocá-lo na avaliação. O da aprendizagem é colocado para todos. O foco do ponto de observação na coordenação é sobre o ensinar da professora e desafia os alunos a observarem se a mesma acolheu, deu voz, se a sua fala foi objetiva e compreendida pelo grupo nos conteúdos abordados. Na dinâmica, o desafio é observar a participação do grupo nos conteúdos explicitados pela docente. Na aprendizagem, todo grupo, no final da aula, apresenta e fala sobre a sua participação. Observar ajuda a conhecer nossos alunos. É preciso ter rigor para que haja respeito A observação é necessária em todo o momento da aula e, fazendo paralelos, compreendi a importância em minha sala de aula.

Foi difícil entender os pontos de observação. Hoje posso falar deles com

clareza e perceber como auxiliam no aprendizado individual e do grupo e ainda sua importância no planejamento das aulas seguintes. Colocar limites e exigir responsabilidade não quer dizer que estamos sendo rigorosos e autoritários, mas sim, que estamos ajudando o educando a construir sua autonomia.

## 2 APRENDIZADO E CONHECIMENTO DAS DISCIPLINAS

“Lidar com limites envolve trabalhar frustrações, perdas e raiva. Significa aprender a lidar com o desprazer, o sofrimento que o confronto com a realidade, com o outro, conosco mesmo, nos provoca” (FREIRE, M., 2008, p. 81).

Ao iniciar meu aprendizado vivi momentos em que senti muito medo e frustração , pois tudo era novo e lidar com novo me causava desconforto. Consegui vencer todos e estou pronta para contar um pouco como foi minha jornada. As aulas de Metodologia de Pesquisa, com a professora Cristina Porto, me levaram a rever o meu processo que vinha construindo no Pró-Saber.

Escavações, sugeridas pela professora, foram feitas por mim, individualmente, e/ou no coletivo, com o grupo e me fizeram ressignificar e compreender a minha trajetória. Escavar em minha memória o que vivi durante os meus três anos de Pró-Saber, é uma forma de fazer uma retrospectiva de meu aprendizado. Fazer buscas em meus materiais é como se eu estivesse dentro de uma mina, em busca de ouro, pois tudo que guardei de textos, sínteses, valem ouro.

No segundo semestre, me lembro da disciplina Prática Metodológica II, coordenada por Madalena Freire e Clara Araújo. Estudamos as etapas evolutivas do desenho. O que muito me marcou foi um texto lido em sala de aula “O menino e a rosa”, da autora Helen Buckley. O texto contava a história de um menino, que tinha liberdade de desenhar o que estava em seu pensamento, mas, quando ele foi para escola, perdeu essa liberdade, pois tinha que desenhar o que lhe solicitavam.

A professora não permitiu que o aluno fosse ele mesmo, que se colocasse livremente para poder dar asas à sua criação. E assim, ela o reprimiu e ele passou a desenhar conforme o modelo. Para a construção do aprendizado, é importante deixar o aluno criar seus próprios desenhos. Importante oferecer modelos que possam ampliar sua criação com autonomia e valorizar sempre a produção do seu aluno. Não é adequado oferecer desenhos prontos para as crianças, pois, desta forma, estamos produzindo futuros alunos que vão crescer dizendo que não sabem desenhar. É preciso valorizar todos os desenhos, deixar as crianças livres para fazer escolhas, por exemplo das cores que querem usar

e o mais importante: nunca perguntar o que ela desenhou e sim - se tem história aqui, me conta?

O desenho é a primeira escrita da criança, através do qual, ela transmite seus pensamentos e passa o que está sentindo. Os desenhos prontos tiram o direito da criança criar e fazem com que ela se torne dependente, sem autonomia, o que pode se tornar obstáculo em sua aprendizagem. É importante que cada um possa exercitar o seu pensamento, para poder transmitir suas experiências e saberes. Durante uma aula, a professora Madalena propôs uma atividade; pediu para a turma desenhar uma casa e todos tiveram uma grande surpresa com os desenhos. Eram muito parecidos. Compreendi o quanto reproduzimos. Está em nosso inconsciente um modelo que nos amarra. Não desenhamos o que tínhamos vontade e sim o que achávamos que seria adequado; pensávamos que havia uma forma correta. Foi assim que aprendi quando criança, da mesma forma que o menino, não fui autorizada, não permitiram que eu expressasse meu pensamento. Nesta aula, eu aprendi com as coordenadoras, que temos nossos pensamentos e opiniões e que não devemos deixar que ninguém os tire de nós, não devemos fazer o que os outros querem, e sim o que desejamos.

Aquela forma de orientar nossos alunos, exemplificada no texto com a história do menininho, está ligada à concepção autoritária de educação, onde eu imprimo a minha marca e não permito o sujeito de se reconhecer em seu desejo e com autonomia para criar, produzir e ser ele mesmo.

Esta disciplina deixou muitas marcas positivas em mim. As professoras queriam nos mostrar que era importante nos libertar dessa concepção autoritária que nos amarra, e que nos impede de pensar livremente, mostrando que educando e educadores têm voz e vez, onde a formação se dá através do respeito, amor e vínculo. A concepção democrática é que vai nos mostrar o caminho do respeito com o outro e com nós mesmos. Sem medo do novo, cada um é ser único, autor de sua história, de seu nome e sua origem. É o amor com rigor. O educador e o educando têm responsabilidades próprias.

Percebi também a importância do grupo, pois, podemos até estudar sozinhos, obter informações através de diferentes maneiras, mas só construímos conhecimento no grupo. É no confronto de ideias, que nos modificamos e a verdadeira aprendizagem se dá.

Nas aulas com a professora Heloisa Protásio, no primeiro ano, com a disciplina Introdução à Psicopedagogia, aprendi sobre o conceito da psicopedagogia e como se dá a construção da autonomia ao longo do desenvolvimento do ser humano. Estudamos o texto de Maria Cecília de Almeida e Silva e compreendemos o ser cognoscente como o objeto da psicopedagogia. Foi um grande desafio, logo de entrada do curso, sermos apresentados à Psicopedagogia. Foi difícil, mas, ao constatar que tinha condições de compreender, tive muita satisfação.

A psicopedagogia surgiu para ajudar as crianças com dificuldades em aprender. E Maria Cecília Almeida e Silva, com seus estudos, mostrou que o objeto da Psicopedagogia não era o problema de aprendizagem e sim o ser cognoscente, o ser que está sempre em processo de construção de conhecimento. Fizemos um trabalho sobre o filme “Como estrela na terra”, que conta a história de uma criança que apresentava grandes problemas na escola. Professores e pais que não tinham conhecimento do que acontecia, pensavam que o menino era rebelde e lhe impuseram muitos castigos. E o menino sofria muito. Até que entrou na escola um professor que se aproximou dele e percebeu o quanto estava sofrendo. Ele tinha uma grave dislexia e a incompreensão de todos os adultos levavam-no a uma grande frustração e sofrimento. A aproximação do professor, estabelecendo um vínculo de confiança, mostrando que ele era inteligente e que tinha grande potencial, o levou a acreditar em si e ele brilhou no final, foi reconhecido por todos.

Essa criança precisava do apoio da família e de um professor que acreditasse que conseguia aprender. A escola tem como dever acompanhar o professor e a família. Nessa disciplina, aprendemos a lidar e compreender as dificuldades de aprendizagem. Não vamos conseguir resolver o problema, mas vamos perceber, através da observação, o que pode estar acontecendo com a criança. Vimos a importância de estudar o desenvolvimento para melhor conhecer o ser em seu processo de construção de conhecimento e como se dá a construção da autonomia. Estudamos os teóricos: Piaget, Freud e Erickson, que nos iluminaram nesta caminhada. E a descoberta mais importante foi que a Psicopedagogia identifica problemas, mas trabalha com o ser cognoscente, com o ser que está em processo de construção de conhecimento.

No terceiro semestre, a professora Heloisa Protásio voltou a nossa sala de aula para trazer o estudo teórico sobre grupo, conteúdo importante dentro do curso. Estudamos um autor de grupo, bastante citado por Madalena Freire, que é Pichon-Riviére. A professora Madalena Freire e Clara Araújo já haviam trabalhado conosco vários conteúdos, principalmente, sobre os papéis no grupo. Aprendi muito sobre grupo, como, por exemplo, o papel desempenhado dentro do grupo que fazemos parte. Fizemos um trabalho em subgrupos, elaboramos um teatro e, a partir das apresentações de cada subgrupo, a turma tinha que descobrir os papéis que os subgrupos estavam fazendo.

Mas, o teórico que mais me flechou foi Freinet. Vimos que a metodologia de Madalena Freire e os instrumentos metodológicos que propõe se aproximam muito de suas ideias. Freinet observou que seus alunos não tinham interesse pelas aulas e planejou uma outra forma, que deu origem a um método para conseguir buscar interesse das crianças pela aula. Ele tinha um forte objetivo, o de tornar seus alunos, pessoas autônomas e com liberdade de expressão. Creio que tenha sido difícil naquela época, pois os professores tinham que seguir o que as escolas mandavam.

Freinet era um professor democrático numa época comandada por militares. E isso o impedia de ter liberdade para planejar suas aulas, mas ele não desistiu e fez suas aulas acontecerem. Sua preocupação maior sempre foi em dar voz para seus alunos e a se acreditarem. Ele conseguiu despertar interesse em outros professores e até hoje tem importância e influência na educação.

A professora Liana Castro, professora da disciplina de Oficina de Leitura e Escrita, nos acompanhou nestes três anos de estudo no Pró-Saber. Nesta disciplina conhecemos vários autores. No primeiro ano, fizemos um trabalho de memória sobre leituras da infância e de como se deu o primeiro contato com os livros. Eu não tive livros infantis, mas minha mãe comprava com vendedores de livros, que vendiam de porta em porta, uma enciclopédia que era muito interessante. Eu lia gibis, e, na adolescência, muitas fotonovelas. Mas eu gostava mesmo era de ler os gibis.

Foi um processo muito difícil lembrar de minha infância como leitora, mas aos poucos fui me recordando. O grupo compartilhou lindas histórias de avós que liam para eles. Foi uma das aulas mais significativas para a gente. Lemos

sobre Bartolomeu de Campos de Queiroz, Clarice Lispector e João Ubaldo Ribeiro. Também conhecemos as obras e histórias de vida de Lygia Bojunga, Maria Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. Era feita nas aulas, a leitura desses autores; a cada aula a professora trazia uma novidade. E fomos presenteadas para assistir no teatro Tijuca a peça “Eu amarelo”, que contava a história de Maria Carolina de Jesus. Foi um momento maravilhoso e enriquecedor.

Fizemos uma atividade sobre a bibliografia de um autor que deveríamos escolher. Escolhi fazer sobre Bartolomeu Campo de Queiróz. Foi um trabalho muito rico sobre os autores e despertou o interesse novamente por livros, que estava adormecido dentro de mim e com isso a vontade de ler veio novamente. As atividades propostas pela professora foram muito importantes e me fizeram me conectar com memórias passadas de minha infância.

Relato uma das atividades: deveríamos observar, em nosso espaço, no intervalo, alguma coisa que despertasse nossos sentidos. Eu lembrei muito do cheiro das flores e na bela paisagem, com privilégio de ser iluminada pela imagem do Cristo Redentor. Outro cheiro que logo veio em minha memória foi o do café que o querido Tião preparava com muito carinho. Relembrei as boas risadas da turma, no intervalo, e os lanches que levávamos para dividir com o grupo. Ao retornar do intervalo para sala de aula, a proposta foi trazer situações que abordassem nossos sentidos, como os diferentes cheiros das flores, cada uma com seu perfume.

Outra oficina muito especial foi a oficina de bonecas Abayomi. A construção dessa boneca foi de muita emoção e muito gratificante cada passo que foi dado para sua construção. Não foi fácil de fazer, no início, mas, depois que adquiri alguma segurança, tudo ficou mais fácil, e consegui construir minha boneca. No final da atividade, festejamos junto com a professora o nascimento das bebês. Depois de prontas, a professora pediu para fazermos uma carta e dar um nome para a nossa boneca. A minha se chama Naiomi Victória.

No segundo semestre, construímos um portfólio muito representativo para mim. guardo ainda tudo que foi construído durante os dois anos de aprendizado dessa disciplina, principalmente, o que diz respeito aos autores estudados.

Uma oportunidade que nunca se apagará de minha memória foi quando participei da Bienal do Livro de 2019. Fiz uma palestra, contando a história do Pró-Saber. A professora Liana, a princípio, pediu para as representantes da turma serem as palestrantes. Elas se recusaram e a professora perguntou para o grupo quem gostaria de ir no lugar e eu disse que queria e eu me voluntariei.

Foi um dia maravilhoso, na verdade, foi um marco na minha vida, uma coisa que nunca imaginava que conseguiria fazer, onde venci todos os meus obstáculos, contando uma parte da história do Pró-Saber. Penso que a palavra que descreve essa experiência é gratidão.

Muito interessante e instigador foi a Alfabetização Cultural que tivemos o prazer de ter durante os três anos. Para mim, foram experiências que, além de me alegrarem com os passeios e saídas culturais, foram fundamentais para minha formação. Visitei lugares onde jamais imaginava poder entrar. Uma grande emoção foi entrar no Teatro Municipal que era meu sonho conhecer. Eu achava que nunca iria conhecer. Outras visitas culturais com experiências que alargam o saber foram: Museu da República, Casa Roberto Marinho, Centro Cultural Banco do Brasil, entre outros.

Estas vivências me despertaram para toda beleza da arte e da cultura e me fizeram compreender a importância de trabalhar com este viés da arte com meus alunos, proporcionar para eles a entrada na história e cultura de nosso povo. Compreendi que somos parte integrante da história de nosso país e que é direito de todos usufruírem de toda produção e manifestação cultural. Temos direito de estar nestes lugares.

Vivemos também um grande momento, quando pisamos no palco do Pró-Saber para apresentar as Histórias Entrelaçadas. Contamos um pouco de nossas raízes, inspiradas na obra do artista sergipano Arthur Bispo do Rosário. Bordamos um manto, que trazia nossos nomes e de nossos familiares. No primeiro momento, apresentamos para as coordenadoras e toda equipe do Pró-Saber e depois, para nossos familiares.

E, não paramos por aí. Fomos convidados para participar da Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP). Foi um dia de sentimentos inexplicáveis; nunca imaginei passar por tal experiência. Foi gratificante levar um pouco da minha história junto com o grupo e o Pró-Saber, para milhares de pessoas desconhecidas. Foi um momento único ver aquelas pessoas prestando atenção

no que estava acontecendo ali e no final todos dançando e cantando com a gente.

Outro momento de mostrar nossas raízes foi a Festa da Primavera e eu e todo o grupo montamos um livro contando as histórias da comunidade de cada um e de nossas raízes. A festa acontece todos os anos no bairro do Humaitá e conta com a participação da faculdade.

A Alfabetização Corporal, com Juliana Medella, tem como objetivo proporcionar aos alunos uma percepção integral do próprio corpo, reconhecendo e identificando seus processos internos e externos. Lidar com o novo nos causa estranheza e insegurança. Foram várias aulas com muitos desafios, muitas aulas de reconhecimento de si e do outro, ninguém caminha só, dependemos um do outro. Para as aulas acontecerem, se uma pessoa errasse, tínhamos que começar tudo novamente. Fomos também desafiados a fazer uma apresentação com a música “Segundo sol”. Foi uma grande superação e conquista vividas numa noite no Pró-Saber.

No terceiro semestre, começamos com a disciplina Educação Especial e Perspectiva da Inclusão, coordenada pela professora Ana Elisabete Lopes que nos proporcionou conhecimentos valiosos sobre os direitos. Inclusão é um movimento de educação de qualidade para todos, na rede regular de ensino; valorização e diversidade humana; respeito pelas diferenças; ofertas na rede de apoio e suportes; parcerias.

Nesta disciplina vimos um vídeo que muito me marcou, a respeito de um casal de jovens Down, que iam se casar. Eles contavam que estavam ansiosos para esse dia chegar e que não dormiam juntos, porque não eram casados. Os dois também participaram de um documentário, onde tinham que contar para um casal, que o filho deles nasceu com Síndrome de Down. Foi bem interessante a maneira que eles fizeram; a menina disse para o papai que o filho nasceu com Síndrome de Down e que a esposa morreu. Ela falou isso, porque, na maioria das vezes, os pais abandonam a família, quando o filho nasce com alguma necessidade específica e a mãe fica sozinha para criar. O trabalho que mais me marcou foi fazer a experiência de viver o dia a dia de um cego, onde aprendi que devemos nos colocar no lugar do outro e ter empatia e, principalmente, respeito com o próximo.

Outra atividade também que muito me acrescentou a respeito da educação inclusiva foi observar o caminho que se faz até chegar à faculdade. Tínhamos que perceber se o caminho era apto para os cadeirantes e deficientes visuais. E o que descobri é que nossos governantes não se importam com isso.

A disciplina O Brincar e sua Importância na Educação Infantil, coordenada pela professora Cristina Porto, me motivou bastante e escolhi o tema do brincar para aprofundar no terceiro capítulo desta monografia.

Vivemos várias atividades lúdicas e teóricas, aprendemos que a brincadeira é coisa séria e que não nascemos sabendo brincar. Vamos desenvolvendo, à medida que vamos nos relacionando com as pessoas de nosso convívio; começamos na família, amigos e ampliamos com o convívio escolar. O brincar está inserido no ambiente da criança e ela aprende a estar em grupo.

Lembro bem de uma atividade em que a professora Cristina convidou o grupo para assistir um vídeo que tinha suas memórias, com fotografias da infância da professora. Foi bem interessante, porque me fez lembrar da minha infância também. Depois, ela espalhou na outra sala, vários brinquedos e um paraquedas colorido, onde brincamos com cantigas e rimas. A seguir, espalhou os brinquedos em cima desse paraquedas que continha: peteca, elástico, bonecas de vários tipos, quebra cabeça, bilboquê.

A turma toda ficou bem envolvida, colocando para fora a criança que estava adormecida dentro de cada um. Experimentamos várias brincadeiras nessa disciplina e conhecemos a brinquedoteca do Pró-Saber e ali também fizemos atividades, jogos, brinquedos, etc.

É no brincar que a criança se socializa, entra no universo do faz de conta. E assim foi o grupo. Nessa aula, todos nós entramos no universo do faz de conta e viramos crianças. Na verdade somos eternas crianças.

Eis que cheguei em 2020, o tão sonhado último período e com ele vieram muitas surpresas. Começamos o ano interrompendo nossas aulas presenciais, por conta da COVID19. Tivemos que nos isolar. Um momento muito difícil para o mundo todo, pessoas próximas nos deixando, e, a cada dia, o medo tomando conta de meus pensamentos.

Mas a turma 2018 se manteve unida, passando palavras de conforto um para o outro. O Pró-Saber não nos abandonou e todos abraçaram a causa. Nos reinventamos e partimos para as aulas remotas. Desistir jamais.

Tivemos a disciplina Ética e Política, com a professora Paula Padilha, onde ficou muito forte o trabalho da filósofa Hannah Arendt. A liberdade é quando se pensa em coletivo. Através da ação de cada um, vamos conquistando a nossa. Podemos ir e vir, ter voz e vez em lugares públicos, saber lutar por nossos direitos e ter consciência de nossos deveres. O ser humano precisa entender que, para alcançar a liberdade, deve-se abrir mão do egoísmo e pensar no coletivo, pois não vivemos individualmente. Compreender essa disciplina no início foi difícil, mas, com pesquisa e ajuda da professora, eu consegui me colocar dentro do texto e na minha escrita. Foi bom conhecer Hannah Arendt; estudamos sobre ética e liberdade, onde conheci outra realidade do mundo.

Na disciplina Matemática e sua didática, aprendemos a matemática na educação infantil. Os conceitos matemáticos são construídos pela criança, a partir das experiências e vivências do dia a dia. Com o simples ato de retirar a agenda da mochila e colocar em cima da mesa ou brincar de amarelinha, aprendemos várias formas de ensinar matemática para nossos alunos. Mesmo à distância, fizemos várias atividades lúdicas. O trabalho que mais me marcou foi “Ideias de adição, subtração e divisão”, em que vimos receitas de pizza, gráficos, entre outros. Foram aulas que muito me acrescentaram, enriquecendo minha prática.

No último semestre, com a Liana Castro, conhecemos autores da literatura infantil e nos aprofundamos no famoso Monteiro Lobato, que foi um dos primeiros autores da literatura infantil de nosso país e de toda América Latina. Conhecemos também os irmãos Grimm entre outros. A professora pediu, como tarefa, que lêssemos um livro e depois de pesquisar a bibliografia do autor, fizéssemos comentários. O grupo ficou livre para escolher o livro, e a professora colocou por e-mail alguns selecionados, para aqueles que não tinham nenhum.

Com o isolamento social, não dava para conseguir os livros. Mas fazia a leitura virtual, desse modo, todo grupo participava da atividade. Escolhi “Branca de Neve e outras histórias”, dos irmãos Grimm que foi novidade para mim, pois é um livro com histórias infantis, mas também dirigido aos adultos.

A disciplina Metodologia de Pesquisa I, com a professora Cristina Porto, nos trouxe a elaboração da monografia. A disciplina me despertou curiosidade, porque a monografia é um momento muito esperado. Fizemos o estudo do texto de Jorge Larrosa - Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Estudamos esse texto e todo o grupo compartilhou seus saberes com a coordenação. Cada um fazia suas pequenas citações com grandes objetivos. Penso que meus estudos sobre a monografia se fazem importantes para que eu possa registrar e pesquisar a fundo aquilo que eu acredito que é importante para o aprendizado de todos. Estas aulas tiveram vários conteúdos, que serviram para aumentar meu conhecimento. Como diz FREIRE, M. (2008) "constatar no resgate de nossas lembranças que só ficou o que tinha sentido e significado é o "bisturi" para a consciência do que é aprendizagem significativa, do que é construir conhecimento e do que é fazer história."

### 3 UM MUNDO NOVO SE DESCORTINA

Brincando uns com os outros, participando de atividades lúdicas, as crianças constroem um repertório de brincadeiras e de referências culturais que compõem a cultura lúdica infantil, ou seja, o conjunto de experiências que permite às crianças brincarem juntas (BROUGÈRE, 2002, p. [24]).

Várias experiências e vivências aliadas às aulas cuidadosas dos professores, sempre com uma nutrição estética: uma música, um pensamento ou uma imagem, por exemplo, me fizeram mudar meu olhar e percebo hoje que esta abertura para o conhecimento me fez receber os conteúdos de outra forma, com menos receio e temor.

E foi com esta disposição, que me senti totalmente atraída pelo conteúdo do brincar. As aulas da disciplina “O Brincar e sua Importância na Educação Infantil”, coordenadas pela professora Cristina Laclette Porto, me levaram a ter um novo olhar sobre as brincadeiras e o que aprendi tem sido de suma importância na minha prática.

As aulas e as discussões em sala me fizeram valorizar as brincadeiras nessa faixa etária da educação. É daqui que a criança começa a desenvolver seu aprendizado e a construir seu conhecimento, aprendendo a valorizar sua cultura e a se relacionar socialmente. O processo de aprendizagem se constrói através de sucessivas aproximações ao objeto de conhecimento, num movimento contínuo. Na medida em que aprendemos, vamos mudando, nos transformando. O ensinar requer um professor comprometido com a educação, buscando intervir no caminhar dessa mudança.

Através da nossa transformação é que vamos transformar o outro. Na medida em que crescemos em nossos aprendizados e trocamos com nossos pares, nós nos modificamos. Essa mudança vem de um desejo e será através da minha ação, que mostrarei o papel que estou exercendo como professora. Para isso, devo trabalhar com meu aluno o desejo de mudança, querer pensar e registrar seus pensamentos.

A concepção de sociedade que fragmenta o sujeito e que o coloca como sujeito passivo, que reproduz sem possibilidade de criar, ainda existe no mundo atual. E as escolas, em sua maioria, têm reproduzido um modelo que concebe

uma educação que não leva em conta a brincadeira como constitutiva do ato de aprender. Neste modelo, o brincar e o trabalhar são vistos como atividades separadas e o trabalho é muito mais valorizado. O brincar fica como algo para distrair. Ainda existe a questão do brincar livremente ou do brincar dirigido.

Muitas vezes o professor proporciona um tempo para brincar, mas com muitas regras, justificando que, com muita liberdade, as crianças se desorganizam. A brincadeira fica a serviço do conteúdo e não de abrir para a criatividade.

A criança, quando brinca, demonstra todo seu pensar e seu sentir. Através de sua vivência de mundo, ela mostra tudo o que ela pensa. Os bebês, desde seu nascimento, gostam de carinho e de ouvir a voz das mães e das pessoas de seu convívio, que conversam e acariciam e eles vão aprendendo.

A criança corresponde tentando pegar o rosto da mãe e à medida que vai crescendo, vai respondendo o que foi ensinado, começa a brincar com as pessoas e as coisas. Elas aprendem a se movimentar e a conhecer as pessoas e objetos de brincar. Os bebês são ativos e prestam atenção em tudo que está ao seu redor. Tudo que pega, coloca na boca. Devemos colocar coisas coloridas, que chamam bastante a atenção dos bebês. Quanto mais estimulados, mais movimentos eles fazem e mais eles aprendem.

A criança de 1 a 2 anos já está aprendendo a falar, é bom que ela seja estimulada com música, histórias e muito diálogo para poder se soltar. Elas aprendem por imitação, são curiosas e gostam de explorar todo ambiente. Começam a andar, mas ainda não tem equilíbrio, caem muito e derrubam os amiguinhos. Ainda não têm noção da força que possuem, adoram espelhos e já sabem falar partes do corpo.

Em parte da síntese feita para a disciplina Desenvolvimento Afetivo Social da criança I, ministrada pela professora Elaine Caetano<sup>1</sup>, escrevi: “Seus brinquedos preferidos são os que fazem barulhos, tem que ser grandes e coloridos. Não gostam de compartilhar seus brinquedos, estão no momento que tudo é de sua propriedade. São agressivas para conseguir o que desejam. Os adultos e educadores precisam intervir, colocar regras, falar com firmeza e sem violência, o que podem ou não podem fazer. É importante que os educadores e

---

<sup>1</sup> Trecho da síntese da Disciplina Desenvolvimento Afetivo Social da criança I. Ministrada pela professora Elaine Caetano em 06 jun. 2018.

responsáveis estimulem as crianças para que elas se desenvolvam com segurança” (AMORIM, 2018, p. 1)

Para Piaget, segundo Macedo (1994), a aprendizagem refere-se à aquisição de uma resposta particular, aprendida em função da experiência, obtida de forma sistemática ou não. Enquanto o desenvolvimento seria uma aprendizagem de fato, sendo este responsável pela formação dos conhecimentos”. Piaget chama a fase de 0 a 2 anos, de sensório-motor.

A criança, a partir dos três anos de idade, já consegue conviver em grupo, já faz escolhas e negociações. Consegue explicar o que faz e o que quer. Já manipula muito bem os brinquedos, constrói coisas e fala o que pensa. Temos que estimular bastante, pois é a fase do desenvolvimento da linguagem. Tem interesse pelas brincadeiras imaginárias. Está no momento de conversar com ela mesma, onde o imaginário é bem evidente.

É preciso estimular as crianças para que cresçam com iniciativa e façam uso de seu pensar, utilizando seus próprios recursos. As brincadeiras neste momento, vão auxiliar o professor na sua tarefa. Todas as crianças têm a capacidade de criar suas brincadeiras, elas imaginam como se fossem situações reais. Segundo Vygotsky (1987), as crianças pequenas ficam mais sujeitas aos objetos, elas não os transformam em outras coisas. Na medida que vão crescendo, conseguem transformar qualquer objeto em brinquedo. Ao interagir com o mundo, ela vai criando brincadeiras a partir de modelos e vivências. Como por exemplo: papai e mamãe, brincar de médico, de escola, mímica, etc.

Devemos nos preocupar com o espaço e o tempo de brincar e, quando possível, se disponibilizar para brincar junto ou incentivar a criança a brincar com outras crianças. Elas gostam de ter liberdade para brincar. Elas decidem como vai ser a brincadeira e, caso não estiverem gostando, elas devem poder se colocar. O brincar tem que ser saudável, onde são compartilhados sentimentos, sensações, emoções. Pois, quando brincamos, o corpo e a mente expressam sentimentos reais.

Ao chegar na escola, as crianças ampliam suas relações. Elas não nascem sabendo brincar. É a partir da relação com o outro, interagindo, que vão se apropriando das novidades, das brincadeiras, vão criando um espaço de aprendizagem, expressando seus sentimentos e começam a criar uma relação social com os sujeitos com os quais estão convivendo.

O professor é peça fundamental para a criação das brincadeiras, pois ele é que vai organizar um ambiente e espaço adequados, que vai diversificar e mediar as brincadeiras. A criança, ao brincar, se expressa e mostra suas experiências. Reconhece a si, como sujeito que pertence a um grupo social. Borba (2006) trata a brincadeira como experiência de cultura e afirma:

Além disso, o brincar é um dos pilares da constituição das culturas da infância, compreendidas como significações e formas de ação social específicas que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo (BORBA, 2009, p. 71).

Desse modo, as brincadeiras vão passando de geração para geração. Hoje, as crianças da cidade grande brincam menos ao ar livre do que as crianças do interior. Mas todas brincam e interpretam suas ações sobre o mundo. Borba (2006) fundamentada em Vygotsky afirma que:

[...] o brincar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem, constituindo uma atividade que impulsiona o desenvolvimento, pois a criança se comporta de forma mais avançada do que na vida cotidiana, exercendo papéis e desenvolvendo ações que mobilizam novos conhecimentos, habilidades e processos de desenvolvimento e aprendizagem. O brincar é compreendido pelo autor como atividade construída pela criança nas interações que estabelece com outros sujeitos culturais do seu meio (BORBA, 2009, p. 72).

O brincar faz parte das gerações, as crianças aprendem a brincar com seus familiares. As brincadeiras podem ter mudanças, mas permanecem de algum jeito, passando de geração para geração, como brincar de roda, pique, boneca, entre outras.

No espaço de educação infantil, recebemos crianças que amam brincar e, por conta disso, muitos falam que essas crianças só vão à escola para brincar e não aprendem nada. É preciso que a comunidade escolar quebre com esse mito. Para isso, é preciso também que a escola faça parcerias com as famílias, e as convide a participar da educação de seus filhos. Juntos irão compartilhar os acontecimentos de aprendizagem dessas crianças e entenderão como a brincadeira faz parte do aprendizado e que é importante para o desenvolvimento delas.

O educador precisa fazer vínculo com as famílias, onde as mesmas possam se sentir acolhidas pela comunidade escolar e assim, se sentir confiantes e possibilitar uma educação de qualidade para seus filhos. O papel da escola é proporcionar um ambiente acolhedor e dar uma abertura para os

professores estarem próximos aos familiares, ouvindo o que eles têm para dizer de como foi a noite e o amanhecer de seus filhos. Assim, o educador, em sala, vai saber melhor o motivo de alguma criança não estar bem naquele dia.

No início do dia, costumo fazer a “rodinha”, uma atividade comum na Educação Infantil, onde o professor se senta com as crianças no chão para acolhê-las no ambiente escolar e então ouvi-las sobre o dia passado em casa. É um momento importante para deixar a criança se colocar livremente e para o professor observar sua atitude. Início com a chamada, cada dia com uma diferente dinâmica, como, por exemplo, cada um identificar o seu nome no meio de várias etiquetas com o nome da turma. Aproveito para trabalhar o tempo com o calendário e colocar as atividades do dia. É um momento em que crio situações para um diálogo, levando os alunos a uma reflexão, pensando em suas atitudes, sentimentos e seus atos.

O professor pode aproveitar esses momentos para planejar o dia junto com as crianças. Podemos iniciar a rodinha com música ou alguma brincadeira, como por exemplo, mímica, etc. É um momento muito rico para a construção da autonomia. Um dos objetivos também é desenvolver a linguagem e o raciocínio. A criança conta uma porção de coisas e é importante deixá-la falar. É uma atividade que trata de várias questões e que, na minha opinião, pode-se fazer de forma lúdica, onde a brincadeira se faz presente.

A partir dos 2 anos, mais ou menos, as crianças gostam de imitar as pessoas que fazem parte de seu convívio, estão num momento em que adoram correr, pular, dançar, etc. É uma fase muito importante da criança e devemos estimular a desenhar, pintar, brincar de faz de conta, ajudar a imaginação, o estímulo ajuda no desenvolvimento cognitivo e emocional. Os objetos são usados livremente, dando vários significados.

Devemos auxiliar no desenvolvimento global da criança, onde elas têm como representar o jogo simbólico, começam a ter noção do espaço e do tempo. Essas atividades ajudam a sair da fase do egocentrismo, quando a criança se vê como centro das atenções em que ela é responsável pelo que acontece em volta dela. É importante que, nessa fase do desenvolvimento, elas possam criar seus próprios pensamentos e criar suas próprias histórias.

Os jogos podem ser sensoriais e envolver visão, olfato, tato, paladar e audição. Devemos fazer brincadeiras com vendas nos olhos para aguçar todos

esses sentidos. Na escola, podemos fazer cabra-cega, imagem e ação, esconde-esconde, amarelinha, mímica, caixa surpresa com vários objetos que auxiliam neste trabalho. Existem ainda os jogos de raciocínio como jogo da memória, quebra-cabeça, xadrez, dama, dominó e caça-palavras que também vão ajudar no desenvolvimento cognitivo da criança.

As crianças são como nômades que transformam espaços, móveis e materiais em outras coisas. Elas não brincam de casinha de boneca só na casinha de boneca; não cantam e dançam só no espaço dedicado à música. Elas usam o chão, as paredes, as cadeiras, para fazer pistas, demarcando territórios, que se tornam salão de beleza, casinha, consultório médico, castelo, etc.

Para eles, em qualquer espaço, se criam as melhores brincadeiras. Como vejo em minha prática, as crianças criam suas brincadeiras dentro de sala de aula, usando as mesas, cadeiras, e tudo que pode ser de fácil acesso para elas. É muito interessante observar a criatividade ao transformar os objetos e espaços e como esta atitude as tornam flexíveis.

Para os bebês, os espaços precisam ser organizados de maneira em que possam ver e ouvir tudo que está à sua volta. Temos que trabalhar a visão e audição, seus brinquedos devem ser grandes e macios e de preferência com som. Como chocalho, etc. Devemos oferecer músicas, contar e ler histórias para eles. E conversar muito.

O espaço precisa ser organizado de maneira que a criança tenha fácil acesso e que seja alegre, acolhedor e aconchegante, com materiais diversos e com belos acervos para que as crianças possam criar suas brincadeiras.

É no brincar que os educadores observam seus alunos e assim vão conhecendo cada um pelo seu jeito de brincar, pensar, expressar, comunicar e agir no mundo. É pela observação que o educador vai descobrir as brincadeiras que as crianças mais gostam, e os papéis que mais se sobressaem, o tempo das brincadeiras e como são os espaços são explorados. Através das brincadeiras é que as crianças se colocam dentro do grupo e constroem conhecimento. As escolas italianas valorizam

[...] o espaço devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre as pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, promover escolhas, e a seu potencial para iniciar toda a espécie de aprendizagem social, afetiva, cognitiva. Tudo isto contribui para uma

sensação de bem-estar e segurança nas crianças...(MALAGUZZI apud GANDINI, 1999, p. 157).

Percebo que as crianças brincam de forma diferente das crianças de antigamente. Hoje as crianças preferem assistir televisão e brincar com jogos eletrônicos em detrimento das brincadeiras mais voltadas à experiência de mundo, como brincar de casinha, médico, mecânico que são importantes na representação do adulto o que vai levar a construção de sua identidade.

No pátio, a brincadeira que mais atrai os meninos é o futebol, cada um representa o jogador de seu time favorito. As meninas brincam mais no escorrega, balanço, etc. Mesmo que sejam convidados para brincar de roda, por exemplo, eles não ficam por muito tempo, logo desistem.

Na minha infância, as brincadeiras eram bem animadas, brincava-se muito na rua de queimado, roda, pique-pega, pique-esconde, pique-bandeira, pular corda, amarelinha, etc. Eram brincadeiras muito comuns em meu tempo de criança. Brincava também de casinha, sendo que não tinha brinquedos, todos eram feitos de sucata; as bonecas eram de pano ou de palha, confeccionadas por minha mãe. As brincadeiras eram construídas por nós, as cabanas, de lençol com folhas de bananeira, fogueira para cozinhar, os matos que a gente pegava para fazer comidinha. Era muito divertido. Essas brincadeiras, na maioria das vezes, eram realizadas na casa da minha avó em Austin, onde passava minhas férias.

Meu irmão fazia ônibus de caixote que pegava na feira. Hoje eu não vejo mais as crianças brincarem assim, na verdade as crianças de hoje estão mais voltadas para a internet e seus brinquedos industrializados, onde a mídia faz um bom trabalho de propaganda para o consumo nas vendas desses produtos infantis. Os jogos eletrônicos e a televisão tendem a levar a uma atitude passiva, que não desenvolve a criatividade e não constrói autonomia. Porém, falar que a criança não gosta das brincadeiras não é verdade, porque no ambiente escolar, quando é propício e o professor dinamiza, motivando as crianças, todas entram alegremente na atividade. Não se fazem necessários os materiais sofisticados. Até mesmo os criados pelos alunos são muito apreciados.

As crianças não têm mais espaço nas ruas para brincar, devido ao crescimento urbano. A maioria fica presa dentro de casa ou em apartamento, restrita a brincar com seus brinquedos ou na internet. Os pais ocupados com

seus afazeres domésticos e seu trabalho não têm tempo para estar com seus filhos. Cabe às instituições de ensino resgatar as brincadeiras. A brincadeira como experiência de cultura foi para mim uma novidade e achei fundamental tomar conhecimento para poder levar para meus alunos. Como afirma Brougère (2002):

Brincando uns com os outros, participando de atividades lúdicas, as crianças constroem um repertório de brincadeiras e de referências culturais que compõem a cultura lúdica infantil, ou seja, o conjunto de experiências que permite às crianças brincarem juntas (BROUGÈRE, 2002, p. [24]).

As crianças precisam explorar espaços culturais e é assim que se dá a construção das relações sociais entre si e com o outro e também ampliam seu repertório de brincadeiras. É preciso que elas frequentem cinemas, teatro, tenham contato com a literatura para desenvolver sua imaginação. A poesia, os contos tradicionais, as lendas, o trava-língua, etc., são importantes na construção da linguagem. E é assim que as crianças começam a se relacionar com o mundo e com a cultura da qual fazem parte. Essas experiências fazem com que as crianças observem sua realidade social e vão resgatando as brincadeiras que vem de geração para geração, aprendendo com as famílias e com a comunidade a qual pertencem.

As brincadeiras, na verdade, são experiências culturais que foram sendo valorizadas e exploradas pelas crianças e adultos ao longo de sua vida. As crianças que são estimuladas a viver todas essas experiências, enxergam o mundo de forma diferente e suas relações com a natureza e tudo que a cercam se dá de forma natural. Como afirma Vygotsky (1987, p. 18): “Quanto mais [a criança] veja, ouça, experimente, quanto mais aprenda e assimile, quanto mais elementos reais [ela] disponha em sua experiência, tanto mais considerável e produtiva será [...] a atividade de sua imaginação”.

Nas aulas de Alfabetização Cultural, durante a formação no Pró-Saber, pude viver toda essa experiência, visitei vários museus e teatro e foi a partir dessa experiência de cultura, que percebi o quanto é importante que as instituições e também as famílias proporcionem para as crianças esses eventos culturais para que as crianças possam se sentir pertencentes a esses espaços. A Nova Diretriz Curricular norteia com ênfase no sujeito histórico e na inclusão das brincadeiras nas práticas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (dcnei, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, definem a criança como "sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura" (BRASIL, 2009).

Ainda de acordo com as DCNEI, em seu Artigo 9º, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções.

As instituições de ensino são um excelente lugar para ajudar as crianças nessas experiências, pois alimentamos as crianças com diferentes atividades lúdicas como: músicas, danças, contação de histórias, etc.

Concluo este capítulo, deixando para os educadores a ideia de que o brincar é uma ferramenta importante que temos para ajudar no desenvolvimento da criança, precisamos estimular com brincadeiras diversificadas e atividades significativas que ajudem a construção de sua autonomia.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] o brincar é um dos pilares da constituição das culturas da infância (BORBA, 2009, p. 71)

Iniciei este trabalho com dificuldades em narrar como havia sido o meu processo e para me reconhecê-lo em minhas memórias, mas ao terminá-lo, percebi que, no momento em que consegui me conectar com minhas histórias passadas, ressignifiquei muitos momentos vividos e passei a me ver melhor como pessoa e profissional.

A escrita me fez tomar consciência de minhas possibilidades. Esse trabalho me levou a perceber que somos seres humanos carregados de histórias, que nos levaram a viver novas experiências, onde o aprendizado acontece na troca com o grupo. Cada um é único e temos muito a partilhar um com o outro.

Madalena Freire nos traz uma experiência, uma teoria que muito tem me ajudado em minha prática. É através dos instrumentos metodológicos: observação, reflexão, planejamento e avaliação, que conhecemos o nosso ensinar e o aprender e conseguimos conhecer cada um de nossos alunos.

A concepção democrática da educação me ajudou a romper com a concepção autoritária que eu vivi durante toda minha vida. Pude perceber que, em minha prática, eu não tinha o hábito de observar e registrar. A partir de tudo que vivenciei e aprendi durante esses três anos de Pró-Saber, quero compartilhar com outros educadores a importância de seguir essa metodologia de ensino, que me ajudou a ter um novo olhar sobre a prática pedagógica, mostrando a importância do papel do professor mediador.

Todas as disciplinas me levaram a conhecimentos significativos para minha formação. Tenho como destaque a disciplina do Brincar e sua Importância na Educação Infantil, que me fez ter um novo olhar em minha prática sobre as brincadeiras. Passei a observar com olhar mais sensível os momentos do brincar dos meus alunos e percebi que através das atividades lúdicas, as crianças aprendem com mais facilidade e são capazes de se conhecer e conhecer os outros, respeitando a vez e o tempo de cada um.

Através das brincadeiras, eles trazem suas experiências, suas vivências e seus sentimentos. Pude perceber em minha pesquisa, que tenho um caminho a percorrer, tenho observado que o brincar é frequentemente colocado como simples diversão para as crianças. É preciso valorizar as atividades lúdicas que são de grande importância para o aprendizado na educação infantil, como caminho para o desenvolvimento de cada criança.

Como educadora, me sinto no dever de apresentar tudo que aprendi e que o brincar traz para as crianças. As atividades lúdicas podem ser apresentadas para dar possibilidades e criatividade de forma alegre. O educador precisa inserir as crianças nesse universo lúdico, juntando a teoria e a prática. Assim, vamos conseguir maior informação sobre o desenvolvimento físico, intelectual e social de cada aluno, o que nos ajuda a proporcionar melhores propostas com o cuidado com os espaços e atividades e assim dinamizar o ato de aprender.

Foram muitos os achados e descobertas neste caminho trilhado por mim nos três anos do Curso. Nomeei alguns, mas foram inúmeros. Impossível falar de todos.

É difícil avaliar o que me aconteceu com a minha tomada de consciência sobre a importância do meu estudo, do quanto aprendi e como me modifiquei neste período, como pessoa e profissional.

Meu trabalho tem o objetivo de compartilhar com os educadores as possibilidades que a brincadeira oferece e o quanto temos para trabalhar com as crianças para que possam desenvolver bem seu aprendizado, valorizar sua cultura e se relacionar socialmente.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR, 2004.

AMORIM, Marisa. Síntese da aula: Desenvolvimento Afetivo Social da criança I. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2018 (Mimeo).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf). Acesso em: 23 nov. 2020.

BORBA, Ângela. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patrícia (Org.) **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tisuko (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.

EDWARDS, Caroline. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor** - São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INFOPÉDIA. **Jogo simbólico** (recurso digital). Porto: Porto Editora, 2003-20. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$jogo-simbolico](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$jogo-simbolico). Acesso em: 9 maio 2019.

PENA, Alexandra. Diálogo, encontro e agir ético: a contribuição das histórias de vida para formação. In: KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra; TOLEDO, Leonor; BARBOSA, Silva Neli (Orgs.) In: **Ética: pesquisa e práticas com crianças na educação infantil**. Campinas, SP: Papiros, 2019.

VYGOTSKY, Lev. Semenov. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.